

O Corpo Colonizado entre Propaganda e Ciência: Traços do filme “Artes e Ofícios de Timor”¹ | The Colonized Body Between Propaganda And Science: Traces Of The Film “Artes E Ofícios De Timor”

Catarina Severino

Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Lisboa (ISCSP/ICS) e investigadora no Instituto do Oriente (ISCSP-ULisboa).

DOI:10.33167/1645-4677.DAXIYANGGUO2019.24/pp.3-15

Resumo:

Neste artigo proponho pensar a forma como o colonialismo português se concebeu como uma experiência corpórea a partir da análise do filme “Artes e Ofícios de Timor”, incluindo o seu contexto de produção e apresentação. Esta película, realizada por António de Almeida (1900-1984) no âmbito dos trabalhos da Missão Antropológica de Timor, pretendeu retratar as artes e os ofícios dos timorenses no seu quotidiano, nomeadamente a escultura, o artesanato, a tecelagem, a produção de sal e a construção de habitações. Simultaneamente, argumento que este material pode ser identificado como parte de dois registos que serviram propósitos diferenciados no âmbito da prática antropológica colonial em Portugal em meados do século passado: um mais propagandístico, caracterizado pela existência de uma narrativa sonora e outro mais científico, que se consubstanciou na apresentação da película, sem som, ao XXIV Congresso Internacional de Orientalistas, ocorrido em Munique entre 28 de agosto e 4 de setembro de 1957. Tênto, ainda, problematizar a relação entre a prática científica e a prática política na reta final do colonialismo português, com o argumento de que as mesmas se relacionam e se contaminam. Para tal, faço uso de uma comparação entre os diferentes imaginários coloniais e científicos das colónias asiáticas, africanas e do Brasil. Concluo, propondo que as colónias asiáticas, por diversos fatores, suscitaram um imaginário diferenciado e que tal se reflete tanto na prática científica como na política.

Palavras-chave: *Filmografia colonial portuguesa; Antropologia colonial; Timor-Leste; corpos colonizados.*

¹ Este artigo foi elaborado com base na pesquisa que desenvolvi como bolsista de investigação no projeto *Textos e Contextos do Orientalismo Português: Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973)* e *The Orient in Translation*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/CPC-CMP/0398/2014 e acolhido pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras (CEC-FLUL) da Universidade de Lisboa, coordenado por Marta Pacheco Pinto (CEC-FLUL). Para mais informações ver Marta Pacheco Pinto. 2017. “Mapping Portuguese Orientalism: the International Congresses of Orientalists (1873-1973). Introduction to a research project”. In Catarina Nunes de Almeida e Marta Pacheco Pinto, *The Orient in Translation*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 167-197. Gostaria de agradecer à Doutora Patrícia Ferraz de Matos, à Doutora Cristiana Bastos e ao Doutor Frederico Delgado Rosa pelos comentários e apreciações que em muito contribuíram para uma análise mais aprofundada.

Abstract:

Through the analysis of the film “Artes e Ofícios de Timor” and its context of production and presentation, in this article I propose to analyze how Portuguese colonialism conceived itself as a corporeal experience between science and propaganda. Directed by António de Almeida (1900-1984), under the works of the Missão Antropológica de Timor, this film aimed to portray the arts and crafts of the Timorese people in their daily lives, namely sculpture, crafts, weaving, the production of salt and the construction of houses. Simultaneously, I argue that this material can be identified as part of two registers of the Portuguese anthropologic and colonial praxis that served different purposes in the middle of the past century: one in the field of propaganda, characterized by the existence of a sound narrative and the other in the field of science, that came to be in the presentation of this film, mute, at the XXIV International Congress of Orientalists, held in Munich between August 28 and September 4, 1957. Moreover, I try to problematize the relation between scientific and political practices, arguing that these relate and contaminate one another. For this I compare the colonial and scientific imaginaries of Asian, African and American colonies. I conclude that Asian colonies raised a different imaginary and that this is reflected both in the scientific and political practices of the time.

Key words: *Portuguese colonial filmography; East Timor; colonial Anthropology; colonized bodies.*

Introdução

A película “Artes e Ofícios de Timor” é constituída por 7 sequências, num total de cerca de 18 minutos, não sendo certa a sua ordenação. De acordo com o resumo das atas do XXIV Congresso Internacional de Orientalistas, a ordenação seria a seguinte:

- Fabricação de pequenos objetos decorativos (03’24”);
- Indústria do algodão/ tecelagem (03’25”);
- Fabricação de bijuteria (03’38”);
- Artesanato a partir de folhas de palmeira (02’21”);
- Produção de sal (02’21”);
- Olaria (01’40”);
- Construção de habitações (01’49”).

Como propaganda, o filme “Artes e Ofícios de Timor” seria destinado ao público em geral. Como um filme científico, derivado da prática antropológica portuguesa da altura, seria destinado à comunidade internacional, sendo, inclusive, apresentado ao XXIV Congresso Internacional de Orientalistas em francês, com o título “Arts et Métiers du Timor”, conforme os registos das atas do evento (Almeida 1959)².

A proximidade entre o resumo escrito do filme publicado nas atas e sequências filmicas sonorizadas da subsérie “Artes e Ofícios de Timor”, que terão sido filmadas durante a primeira missão da Missão Antropológica de Timor (MAT)³ em 1953 (TECOP 2019), e às quais me foi possível ter acesso através do Centro Audiovisual Max Stahl de Timor-Leste leva a crer que poderá ter sido removido o som para apresentação junto da comunidade internacional, até mesmo para dispensar custos com legendagem.

Aquele argumento tem por base a indicação de Piçarra (2017, 145) de que, dos 16 filmes realizados no âmbito da MAT, com e sem som, os sonorizados seriam usados para fins propagandísticos enquanto os não sonorizados – como se supõe ser o caso do filme apresentado ao Congresso

² Para mais sobre este congresso ver <http://tecop.lettras.ulisboa.pt/np4/Congressos.html>

³ Almeida chefiou a MAT entre 1953 e 1975. Médico de formação, foi um homem do Estado Novo ligado a diversas instituições coloniais, políticas e científicas. Lecionou no então Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU), sucessor da Escola Superior Colonial.

– destinar-se-iam a cumprir um propósito mais científico. Todavia, esta autora considera e eu subscrevo, que os filmes da MAT tinham pouco de científico, uma vez que “seleccionam o que dão a ver, optam por um ponto de vista para fazê-lo e – sobretudo – veiculam discursos sobre a realidade”, constituindo-se simultaneamente “enquanto arquivo integrado num conjunto de práticas de recolha, sistematização, exposição e conservação de informações” (Piçarra 2017, 150)⁴ que remetem não só para a prática científica mas, também, para a prática política colonial, sugerindo uma linha ténue entre ambas.

Durante a apresentação de uma versão anterior deste trabalho fui questionada sobre a relação entre o trabalho de António de Almeida e a produção de saber de tipo orientalista, tendo como pano de fundo o evento a que Almeida se propôs participar. De facto, a escolha daquele evento para a sua apresentação parece enquadrar-se mais na estratégia de Mendes Correia, diretor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU) desde 1946, de promoção internacional daquela instituição do que na produção de qualquer saber de tipo orientalista. Assim se justifica que também, que no mesmo ano, Almeida tenha realizado um périplo por vários eventos científicos, conforme descrito no Anuário do ISEU de 1956-57 (59).

Essa relação, poder-se-ia argumentar, surgiria mais tarde com trabalhos que Almeida dedicou ao “oriente português” (Almeida 1966-67, 1994). Talvez estes trabalhos se possam relacionar com o trabalho seminal de Edward Said (1978), ficando em aberto e ao desafio este tipo de problematização, que não é o alvo deste artigo.

A escolha deste material por Almeida, assim como a atenção científica concedida a Timor no imediato seguir da II guerra mundial, terão resultado de um novo interesse político e antropológico pelo território, considerado até àquela altura como “uma colónia distante e com vários problemas” (Correia citado em Matos 2012, 235). Se, no primeiro caso, este ficou a dever-se principalmente à violência das invasões japonesas, no segundo é

⁴ Outra reutilização com propósito científico daquele material tomou lugar com a publicação do artigo “Notas sobre Artes e Ofícios de Nativos de Timor Português” numa separata da revista *Garcia da Orta*, em 1959, que corresponde também ao conteúdo do resumo apresentado ao Congresso e a uma seleção da narrativa sonora do filme sonorizado.

importante notar que o mesmo ocorre no contexto da progressiva institucionalização da antropologia colonial em Portugal, em estreita ligação com instituições como a Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais (JMGIC)⁵ e o ISEU, antiga Escola Superior Colonial, fundada em 1906.

O corpo colonizado entre propaganda e ciência

Em “Artes e Ofícios de Timor” os corpos são principalmente apresentados como corpos de trabalho. São filmadas mulheres, homens e crianças, que vestem uma mistura entre os trajes timorenses e roupa ocidental, acompanhados por música que faz lembrar uma produção clássica hollywoodesca, destinada a entreter e encantar. Apenas os homens surgem por vezes em tronco nu, mas não de uma forma sexualizada e erotizada, como era comum na nudez de nativos africanos, com o expoente máximo na conhecida figura da Rosita (Vicente 2013). Não quero com isto dizer que a erotização e sexualização não estejam presentes em materiais relativos às colónias asiáticas, sobre as quais existe menos pesquisa, por comparação com as africanas. Tal poderá também ter sido, inclusive, um fator para escolha de Almeida destas imagens para apresentar ao Congresso.

Na introdução do livro *O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial Português* (2014), Filipa Vicente argumenta que “as hierarquias raciais latentes em muitos momentos e contextos das experiências coloniais, tão poderosas como implícitas, faziam com que uns corpos valessem mais do que outros e com que a fotografia reproduzisse e reificasse essas mesmas distinções” (21-22). A par da fotografia, argumento que o cinema tem também essa capacidade de reprodução e reificação. Neste sentido, argumenta Maria do Carmo Piçarra (2017, 150), com recurso a Walter Benjamin, que os filmes da MAT “têm de ser abordados também como “imagens-clarão” reveladoras da violência do processo colonial”.

Creio que é pertinente lembrar o caso dos jardins zoológicos humanos patentes nas exposições coloniais internacionais, como o foram, no caso português, a Exposição Industrial de Lisboa de 1932, a Exposição Colonial

⁵ Criada em 1936 e renomeada Junta de Investigações do Ultramar (JIU) em 1963, foi a entidade financiadora da MAT.

Portuguesa, no Porto, em 1934, e a Exposição do Mundo Português de 1940 (Matos 2012). Vale a pena referir que a exposição de nativos no exercício das suas atividades mais tradicionais era também uma particularidade daquelas exposições, onde os seus visitantes podiam “ver sem serem vistos” (Matos 2013, 205), como acontece também através do filme, o que é enfatizado pela ausência total de contacto visual com a câmara por parte dos que são retratados. Os timorenses, de resto, estiveram também presentes nas exposições de 1934 e de 1940 (Schouten 2001).

As atividades representadas no filme são, quer no registo escrito, quer no registo sonoro, adjetivadas de “graciosas”, “curiosas” e “interessantes”, um vocabulário típico de referência às colónias asiáticas e que distingue a abordagem às mesmas da abordagem às colónias africanas. Além do contexto histórico, pode colocar-se a hipótese de tal estar relacionado com uma hierarquização entre os imaginários coloniais sobre a Ásia – tido como o lar de culturas e filosofias milenares que “estagnaram” – e sobre África e o Brasil, que nunca teriam chegado à civilização antes da colonização, muito presente, por exemplo, na retórica orientalista portuguesa.

Como já referi acima, não pretendo argumentar que António de Almeida se incluía nesta retórica, uma vez que, ao analisar a produção científica do mesmo, o seu trabalho sobre Timor surge mais como um acaso do que como um saber desenvolvido (TECOP 2019). No entanto, considero que os resquícios desta retórica, protagonizada por personalidades como Guilherme Vasconcelos de Abreu (1842-1907)⁶ e Aniceto Gonçalves Viana (1840-1914)⁷, que se inspirou nos exemplos alemão e francês, sobrevivem no discurso académico e corrente, inclusive até aos dias de hoje.

No caso das antigas colónias africanas e do Brasil a violência esteve patente de uma forma mais clara, principalmente até meados do século XX. A partir desta altura, no contexto pós segunda-guerra mundial e de desaprovação internacional do colonialismo, o registo de atos violentos começou a ser evitado, com o objetivo da defesa da imagem de Portugal como uma nação pluricontinental e multirracial (Castelo 2015, Matos 2016). No caso das colónias asiáticas, nas quais os registos cinematográficos só se

⁶ Para mais, ver <http://tecop.letras.ulisboa.pt/np4/vasconcelosabreu.html>

⁷ Para mais, ver <http://tecop.letras.ulisboa.pt/np4/viana.html>

iniciam por esta altura, não se encontram registos violentos, estando já imbuídas na chamada “retórica luso-tropicalista” (Bastos 1998, Castelo 2015), que trocou os discursos abertamente racistas pela tese da “excecionalidade da relação de Portugal com os trópicos” (Castelo 2015, 468).

A título de exemplo, já em 1892, na sua comparação entre os povos da Índia e do Brasil, António Lopes Mendes (1835-1894) (1892, 74-75), funcionário colonial que realizou um dos primeiros registos pormenorizados dos usos e costumes locais em contextos coloniais, registou esta diferença da seguinte forma:

A Índia, porém, não era a América. Se nesta puderam os conquistadores europeus exterminar em breve, no littoral, as raças indígenas, simples ou totalmente selvagens, e repovoar a terra com moradores importados da Europa, a longa distância a que a conquista indiana se achava da metrópole, e sobretudo a resistência invencível, que naturalmente oferecia um povo numeroso, que sofre todos os insultos e se curva resignado a todos os sacrifícios, mas que, com a sua passividade tenaz, sabe manter a sua crença religiosa, e a sua confiança na realização do seu destino; um povo entre o qual as classes principaes haviam chegado a elevado grau de civilização, fez evitar aos conquistadores a violência ostensiva (...).

Outro aspeto a notar é a ausência total da intervenção da equipa da realização, ao contrário do que sucedeu com outras películas da MAT (Piçarra 2017), reforçando a impressão de que se tratava de um registo objetivo, fidedigno e espontâneo daquelas atividades. No caso da película destinada ao público em geral, a narrativa sonora poderá sugerir uma omnipresença do colonizador, assim como marcar a separação entre o cientista e o seu objeto, não concedendo a este último qualquer tipo de subjetividade. Os métodos de Almeida eram, aliás, conhecidos por ignorarem “a importância numérica e cultural dos timorenses que pertencem a vários grupos, por ascendência e por vivência”, assim como a presença de outros povos no território (Schouten 2001, 164).

Além disto, a perseguição de um registo objetivo convive, quer no caso das sequências sonorizadas, quer no do resumo escrito apresentado ao Congresso, com elementos de propaganda. Uma mensagem clara de apoio ao colonialismo português à sua “missão civilizadora” fecha a versão sonorizada:

“assim labutam os timorenses, cada vez mais influenciados pela nossa presença civilizadora, contribuindo na medida das suas possibilidades para o progresso da sua terra mãe e de Portugal inteiro, que muito amam e pelo qual, através dos séculos, tantos deles têm dado generosamente a sua vida” (MAT s.d.).

Este discurso está mais comedido no resumo presente nas atas do Congresso. Lê-se, quando é mencionada a prática da escultura em corno de búfalo, que se costuma esculpir “o crocodilo voador que de acordo com uma lenda local, trouxe os primeiros Brancos, os Portugueses!” (699), reificando a prevalência portuguesa no território (Almeida 1959, 699).

Foi Cristiana Bastos que me fez notar que poderá ser de interesse inquirir sobre quem foi a audiência presente aquando da apresentação do filme em Munique e qual a impressão da mesma sobre o material exposto, especialmente considerando o anacronismo da abordagem de Almeida – devedora da Antropobiologia de António Mendes Correia (1888-1960), de quem era discípulo – relativamente aos desenvolvimentos internacionais da Antropologia, nas suas vertentes cultural e social. Ao ter por base a existência de raças e da relação das mesmas com uma hierarquia de povos e nações, a Antropobiologia de Mendes Correia atribui “ao biológico o antecessor do cultural” (Matos 2012, 168). Nas palavras do próprio Mendes Correia (1933, 18):

A Antropobiologia ocupa-se de investigações sobre a hereditariedade normal e patológica no homem, dos estudos eugénicos, da fisiologia das raças, dos grupos sanguíneos e outros assuntos de bioquímica humana, das constituições e temperamentos, da determinação da base biológica da mentalidade e actividade das diferentes raças, etc.

Neste sentido, a forma como a Antropobiologia se relaciona com a cultura é relegando-a como função da biologia. No entanto, já se sabe que a Antropologia portuguesa tinha já, a esta altura, abertura à mais moderna Antropologia Social e Cultural, preconizada por Ruy Cinatti (1915-1986), poeta e agrónomo, que chegou a disputar com António de Almeida a autoridade científica sobre Timor (Castelo 2017).

De acordo com o registo das atas, a sessão em que Almeida participou, inserida na secção III, dedicada ao Sudeste Asiático, teve como comentadores Jeanne Cuisinier (1890-1964), etnóloga francesa dedicada ao Sudeste Asiático, treinada por Paul Rivet (1876-1958) e Marcel Mauss (1852-1950) (RHPST 2018), assim como Theodoor Gautier Thomas Pigeaud (1899-1988), especialista holandês de línguas e literaturas indonésias, nomeadamente a javanesa (BNF 2019). Sobre as impressões que a apresentação de Almeida causou não me foi possível localizar informação, uma vez que não consta das atas a que tive acesso através do projeto TECOP⁸.

Ainda assim, creio que é possível inferir, através da formação dos arguentes e das suas tradições nacionais, nomeadamente a francesa, que a Antropobiologia de Almeida terá, pelo menos, levantado alguns sobrolhos. Alguma consciência da sua marginalidade e anacronismo poderá, também, ter influenciado a escolha do documentário como o meio de apresentação do material, ao invés de um texto escrito, demonstrando o então moderno domínio de técnicas audiovisuais na prática antropológica.

Outra referência importante na narrativa sonora é a de que as mulheres “já se começam a habituar ao uso da combinação⁹” (MAT s.d.). Se tomarmos o argumento de Boddy (2011), para quem “o colonialismo foi e é uma empresa inerentemente corpórea” (119), de que a violência colonial sobre o corpo se relaciona com a imposição das normas do colonizador sobre as práticas costumeiras nativas, a referência ao uso da combinação pelas mulheres timorenses, assim como o retrato dos timorenses vestidos com roupas ocidentais acima referido, poderão, por si mesmos, indiciar uma vontade de transformar o corpo do outro, de o tornar mais semelhante ao do colonizador e, conseqüentemente, “mais civilizado”. Considerando a “missão civilizadora” de que o colonialismo português se achou encarregue, mais civilizado significava o “aportuguesamento” da cultura dos nativos, considerada inferior. Mais clara e explícita foi, a título de exemplo, a violência

⁸ O espólio de Jeanne Cuisinier encontra-se no Museu Nacional de História Natural, em Paris. Poderia ser interessante, no sentido da sugestão de Cristiana Bastos, procurar neste arquivo impressões que lhe tenham ficado de António de Almeida e do material que apresentou.

⁹ Roupa interior íntima vestida pelas mulheres na metrópole.

na proibição do uso da lipa – pano tradicional usado à cintura por homens timorenses em 1954 (Schouten 2001).

Esta lógica seria invertida, por exemplo, como refere Marcos Cardão, nos concursos de beleza dos anos 70, nos quais se presenciou a uma focalização da alteridade (2013, 537). As misses provenientes das colónias africanas, muitas vezes brancas – como no caso da Riquita, que Cardão trata em mais detalhe – trajavam com indumentária indígena, indo ao extremo de untar adereços com “sebo, leite azedo e excrementos de boi” para a obtenção de um visual mais “autêntico” (Cardão, 2013, p.537). Estes exemplos remetem-me para os estudos sobre a ambiguidade da mimese no contexto colonial, nos quais estas imitações, que se assemelham a um convite para a semelhança, no entanto nunca a reconhecem verdadeiramente (Bhabha, 1994, 86).

O contexto de produção assume também um lugar significativo. Piçarra (2017), a partir da leitura dos diários de António Marques de Almeida Júnior, antropometrista que integrou a equipa da MAT, notou que para além de o operador de câmara, Salvador Fernandes, trabalhar sem supervisão dos cientistas, os eventos eram regularmente encenados ou organizados para serem filmados, com administradores coloniais locais agindo como guias que organizavam e deslocavam os nativos a serem exibidos para onde fosse necessário. Fica por saber se os timorenses que participaram nos filmes da MAT eram compensados ou, até, estavam cientes de que estariam a ser filmados.

Algumas conclusões

O filme “Artes e Ofícios de Timor” devolve-nos traços de como o colonialismo português se tentou revestir cientificamente e de como isso transpareceu na forma como os corpos foram filmados e representados. Enquanto as imagens nos trazem já evidências da experiência corpórea do colonialismo – a ausência de subjetividade dos nativos e a forma como são apresentados, em simultâneo, de forma mimética e folclórica – é na diferença entre a narrativa sonora e o texto do resumo apresentado ao Congresso que se encontram as distinções substanciais que se argumenta terão resultado da procura de um registo mais científico.

Na primeira, as imposições corpóreas e o “aportuguesamento” são evidentes, enquanto na segunda estes elementos são, na sua maioria, omitidos, ainda que não completamente. No resumo escrito, além da referência ao pioneirismo português no território, a pretensa objetividade da descrição das atividades é atravessada por uma adjetivação sugestiva de um exotismo e alteridade que se refletem nos corpos, com cintos que assentam na cintura com “uma certa elegância” (Almeida 1959, 699). Estes registros, mais ou menos ficcionados, convivem com a dura realidade da proibição do uso de certos trajes por parte dos habitantes de Timor-Leste, tendo sido a posição do colonizador e não dos habitantes a de decidir o que é ou não elegante, o que deve ou não deve ser usado, o que é ou não apropriadamente timorense.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, António. 1959. Art et Métiers du Timor [Filme]. In: *Akten des Vierundzwanzigsten Internationalen Orientalisten-Kongresses*, Munique, 28 de agosto a 4 de setembro de 1957. Wiesbaden: Deutsche Morgenländische Gesellschaft E.V, 698-700.
- _____. 1966-67. Os povos actuais do Oriente Português (Estado da Índia, Macau e Timor Português). In *Províncias Portuguesas do Oriente – Curso de extensão universitária*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 5-26.
- _____. 1994. *O Oriente de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais
- Bastos, Cristiana. 1998. Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre. *Análise Social* XXXIII (146-147): 415-432.
- Bhabha, H. 1994. “Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse”. In *The Location of Culture*. Londres e Nova Iorque: 86.
- BNF [Bibliothèque National de France]. 2019. *Theodor Gautier Thomas Pigeaud (1899-1988)* [online], https://data.bnf.fr/fr/12676154/theodor_gautier_thomas_pigeaud/ (consultado em julho de 2019).
- Boddy, Janice. 2011. Bodies under colonialism. In Frances E. Mascia-Lees (ed.), *A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment*. West Sussex: Wiley Blackwell, 119-136.
- Cardão, Marcos. 2013. O charme discreto dos concursos de beleza e o luso-tropicalismo na década de 1970. *Análise Social* 208: 531-549.
- Castelo, Cláudia. 2015. A mensagem luso-tropical do colonialismo português tardio: o papel da propaganda e da censura. In Moisés Lemos Martins (ed.) *Lusofonia e Interculturalidade – promessa e travessia*. Vila Nova de Famalicão: Húmus/ CECS, 451-470, http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2216/2133 (consultado em maio de 2019)
- _____. 2017. A abertura de Timor Português à antropologia social no colonialismo tardio: o papel de Ruy Cinatti. *Anuário Antropológico* [online], II, DOI : 10.4000/aa.1926, (consultado em julho de 2019).
- Matos, Patrícia Ferraz de. 2012. *Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto: Contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)* [Tese de Doutoramento. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa,
- <http://hdl.handle.net/10451/7831> (consultado em maio de 2019).
- _____. 2013. Power and Identity: the exhibition of human beings in the Portuguese great exhibitions. *Identities: Global Studies in Culture and Power* 21 (2): 202-218.

- _____. 2016. Imagens de África? Filmes e documentários portugueses relativos às antigas colónias africanas (primeira metade do século XX). *Comunicação e Sociedade*, 29: 153-174, DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.29\(2016\).2414](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.29(2016).2414)
- ISEU. 1956-57. *Anuário do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos*, III. Lisboa: ISEU.
- Lopes Mendes, António. 1892. *O Oriente e a América: apontamentos sobre os usos e costumes dos povos da Índia portuguesa comparados com os do Brasil*. Memoria apresentada á X sessão do Congresso internacional dos orientalistas. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.
- Correia, António Mendes. 1933. *Introdução à Antropobiologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Missão Antropológica de Timor [MAT], s.d. *Artes e Ofícios de Timor*. “Construção de casas” [filme], <https://www.facebook.com/audiovisualarchivetimorleste/videos/820960561407419/>
- Piçarra, Maria do Carmo. 2017. Uma filmografia colonial de Timor Português. *Anuário Antropológico*, 42 (2), 133-155, <http://hdl.handle.net/1822/55213> (consultado em maio de 2019)
- RHPST [Répertoire des fonds en Histoire et Philosophie des Sciences et des Techniques]. 2018. *Jeanne Cuisinier* [online], <https://rhpst.huma-num.fr/items/show/348> (consultado em maio de 2019).
- Said, Edward. 1978. *Orientalism*. New York: Pantheon Books.
- Schouten, Maria Johanna. 2001. Antropologia e colonialismo em Timor português. *Lusotopie*, 8: 157-171.
- TECOP. 2019. António de Almeida: perfil biobibliográfico [online], <http://tecop.lettras.ulisboa.pt/np4/Orientalistas.html>
- Vicente, Filipa. 2013. “Rosita” e o império como objeto de desejo. *Público*, 25 de Agosto, <https://www.publico.pt/2013/08/25/jornal/rosita-e-o-imperio-como-objecto-de-desejo-26985718> (consultado em maio de 2019)
- Vicente, Filipa. 2014. Introdução. In Filipa Vicente, *O Império da Visão: fotografia no contexto colonial* (1860-1960). Lisboa: Edições 70, 11-29. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/15484> (consultado em maio de 2019).